

A CONSTRUÇÃO DA POSTURA PROFISSIONAL PARA O ENCONTRO TERAPÊUTICO

THE CONSTRUCTION OF PROFESSIONAL STANCE FOR THE THERAPEUTICAL MEETING

RESUMO: A partir da vivência de atendimentos terapêuticos com equipe reflexiva baseados na teoria construcionista social e de práticas colaborativas, pudemos experimentar a construção e transformação de nossas posturas profissionais para a conversação terapêutica com pessoas e famílias que buscam nossos serviços. Este artigo traz o apanhado teórico com o qual dialogamos para fundamentar a prática que vivemos com nossos clientes. Em seguida selecionamos momentos transformadores destes atendimentos para compartilhar inovações e inspirações da prática clínica.

PALAVRAS-CHAVE: terapia familiar, construcionismo social, terapia colaborativa, processos reflexivos, personagens internos.

ABSTRACT: From the experience of therapeutic processes with reflective teams based in the social constructionism theory and collaborative practices, facilitated by a group of psychologists, we could experience the construction and transformation of our professional stances for the therapeutic conversation with persons and families that seek our services. This article presents the theory which we invited to dialogue and support the practice we experienced with our clients. Furthermore we selected transformational moments of these sessions to share the innovations and inspirations of the clinical practice. Key words: family therapy, social constructionism, collaborative therapy, reflecting processes, internal characters.

Este artigo traz as transformações experimentadas por nossa equipe de psicólogos, na construção de nossas posturas profissionais, durante a última etapa de um curso de especialização em terapia familiar pós-moderna, caracterizada pelo atendimento clínico facilitado por um estudante junto a seis colegas e supervisor, que compunham sua equipe reflexiva, cada estudante facilitando um processo diferente.

Este curso propõe ser teórico-prático-vivencial, de forma a facilitar, ao longo de seus três anos de duração, a construção daquilo que encontramos nomeado por Harlene Anderson (Anderson & Gehart, 2007) como postura filosófica para a prática profissional dos estudantes. Isto significa ir além de uma aprendizagem de técnicas em direção a uma transformação pessoal para a facilitação do diálogo e do novo nos encontros em que se engajam as pessoas em suas vidas. Para este fim, o caminho escolhido é um intenso investimento na construção da posição do terapeuta para o encontro conversacional, a partir das nossas histórias familiares e do processo de construção social de quem somos hoje. O conhecimento destas histórias nos prepara para a humildade e respeito no engajamento às histórias dos nossos clientes.

Os atendimentos variavam de casos individuais para familiares, com demandas como dificuldades no relacionamento com os filhos, diagnósticos psicológicos e violência. Estes clientes nos foram encaminhados por uma organização da socie-

BRUNO LENZI

*Psicólogo e supervisor,
Instituto Movimento,
Florianópolis, brunolenzi@
sistemica.com.br.*

AMANDA CORREA DOS ANJOS

*Psicóloga, Instituto
Movimento, Florianópolis.*

ANA CINTIA WESTPHAL

*Psicóloga, Instituto
Movimento, Florianópolis.*

KAROLINA COSTA RAFFS

*Psicóloga, Instituto
Movimento, Florianópolis.*

LUÍSA GONÇALVES

*Psicóloga, Instituto
Movimento, Florianópolis.*

MARIANA GERMANI

*Psicóloga, Instituto
Movimento, Florianópolis.*

MARIANA VIEIRA APÓSTOLO

*Psicóloga, Instituto
Movimento, Florianópolis.*

VALÉRIA CICHELA

*Psicóloga, Instituto
Movimento, Florianópolis.*

Recebido: 18-06-2015
Aceito: 11-10-2015

dade civil que tem por missão levar a psicologia para todos através da terapia familiar. Durante os atendimentos, pudemos experimentar a construção do nosso posicionamento, que escolhemos chamar de pós-moderno, e a manifestação da criatividade na relação para propostas inovadoras, construídas com os clientes, com o objetivo de facilitar nosso entendimento e promover movimentos transformadores para os cotidianos relacionais narrados nos encontros. A partir desta experiência e das avaliações recebidas pelos clientes, sentimos a responsabilidade de compartilhar esta jornada através desta produção. De forma semelhante, o crescimento das práticas colaborativas e construcionistas no contexto brasileiro (e seus representantes) também nos mobiliza para o movimento de compartilhar nossas experiências e aprendizagens locais.

NOSSA ESCOLHA TEÓRICA: CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Este trabalho se inicia com nosso posicionamento construcionista social para o diálogo e o encontro terapêutico. Nesse sentido, Gergen e Gergen (2010) apresentam seu conceito de construcionismo social, que propõe uma nova visão de mundo baseada na linguagem e questiona as verdades absolutas, inquestionáveis, onde se pressupõe a criação de sentido através da linguagem em nossas interações com os outros. A construção social não é de autoria de um único indivíduo ou grupo, nem tampouco exclusiva e unificada, ela pressupõe um compartilhamento entre diferentes comunidades. De acordo com os autores, é a partir das nossas relações que o mundo se faz preenchido com o que nós concebemos como real. Cada pessoa constrói

um mundo de forma diferente, cuja singularidade se encontra nas relações sociais de cada um. Esta realidade é um acordo coerente entre nós e as pessoas com quem nos engajamos (Gergen, 2009; Gergen & Gergen, 2010).

Os construcionistas (Gergen, 2009; Gergen & Gergen, 2010) consideram que nossas ações não são limitadas por qualquer coisa tradicionalmente aceita como verdadeira, racional ou correta. Diante de nós existe um amplo espectro de possibilidades, um convite infinito à inovação. Dentro dessa perspectiva toda forma de vida tem coerência, quando compreendida de forma contextualizada, o que convida a sociedade a um grande pluralismo, que amplia as possibilidades para denominar e avaliar, valorizando a curiosidade e o respeito às diferenças, evidenciando processos sócio-históricos de construção. Todas as nossas verdades estão ancoradas em tradições de valor construído, ou seja, sempre que definimos realidade, estamos falando de um ponto de vista. Com certeza existe o mundo, mas no nosso esforço em descrevê-lo, utilizaremos alguma tradição de dar sentido. Portanto, como postura terapêutica, o olhar é sempre de curiosidade e de respeito pela verdade do outro, pois os valores do outro estão diretamente ligados à sua história e por vezes distantes da história do terapeuta, o que faz dele um leigo na realidade do cliente.

Além disso, também trazemos a versão retórica responsiva do construcionismo social proposta por Shotter (1993). Um de seus propósitos é nos engajar nas condições sócio-históricas e socioculturais das nossas vidas. Dessa forma, deixamos de conceber a realidade em que vivemos como absoluta. Pessoas diferentes, em posições diferentes, em momentos diferentes, vivem diferentes realidades, portanto

precisamos começar a pensá-la como heterogênea – feita de momentos diversos com propriedades diferentes. Podemos começar a conceber a realidade como social, como um fluxo de atividade social contínua, composta especificamente por duas atividades fundamentais: a) centros relativamente estáveis de atividade ordenada e autorreprodutiva, sustentada por pessoas reciprocamente responsáveis por suas ações, abertas também à negociação de novas formas de argumentação; b) estes centros estão separados por zonas de atividades muito mais desordenadas, inexplicáveis e caóticas. São nessas regiões caóticas que acontecem as construções que nos interessam. Em outras palavras, não buscamos o descobrimento da verdade, nos colocamos a pensar nas diferentes realidades das pessoas em seus contextos relacionais situados.

Ainda na perspectiva do construcionismo social, Anderson (2009) aponta que a construção social é uma forma de questionamento social, na qual o autoconhecimento e a auto-narrativa, fazendo parte do conhecimento, são construções comunitárias, produtos da troca social, onde o conhecimento se dá pelo relacionamento. Sendo assim, as ideias, verdades ou autoidentidades são produtos dos relacionamentos humanos, nos quais há múltiplos autores em uma comunidade de pessoas ou relacionamentos. Os significados que cada um dá aos eventos, pessoas e a si próprios são frutos da troca e da interação social.

A autora ainda afirma que toda ação social advém do resultado da interação que os indivíduos e seus comportamentos possuem entre eles e com os outros, por meio de construções narrativas e processos interpretativos, vivenciando histórias e interagindo uns com os outros. Essa perspectiva

narrativa pós-modernista é vista como um fenômeno linguístico, um processo que gera significados. Contando e redescrivendo sua história, o indivíduo tem a oportunidade de lhe dar um novo e diferente significado.

Escolhemos trazer alguns pressupostos básicos que ilustram para nós o olhar construcionista social (Gergen, 1985; 2009; Iñiguez, 2005):

1. experiências do mundo não ditam por si só como o mundo é entendido. O jeito que entendemos o mundo não requer aquilo que já existe. Tradições da verdade são opcionais, pois estas são construídas nos relacionamentos, através da linguagem. Podemos usar a linguagem para construir um mundo que nos sirva melhor.
2. as formas pelas quais descrevemos e entendemos o mundo são resultados dos nossos relacionamentos, produtos do intercâmbio histórico entre pessoas. A ciência tradicional diz que a observação cuidadosa leva ao conhecimento, mas por mais cuidadosos que sejamos em nossas observações, diferentes pessoas irão descrever de diferentes formas a mesma realidade. Logo, podemos nos considerar antiessencialistas, nossa singularidade e conhecimento prévio limitam a realidade que conseguimos perceber. Assim, verdades nunca podem ser universais, elas estão sempre sujeitas a determinada tradição, enraizadas em uma cultura e uma história que a justificam.
3. construções ganham significado a partir de sua utilidade social. Um entendimento que é sustentado através do tempo não depende da validade empírica da perspectiva em questão, mas da linguagem e seus significados fazerem sentido,

serem úteis e justificados. Como falar de alma na religião, ou de átomos na física. Significados que não cabem em outras determinadas formas de vida.

4. formas de entendimento negociado são de crítica importância para a vida social, por serem integralmente conectadas com muitas outras atividades nas quais as pessoas se engajam.
5. enquanto descrevemos e explicamos, nós desenhamos o nosso futuro. Sustentar tradições requer um contínuo processo de regeneração dos significados para com o grupo. Paradoxalmente, no nosso mundo de rápidas transformações, manter uma tradição pode significar atualizá-la, pode significar transformar aspectos dela que irão ao encontro das formas de vida das pessoas. Se quisermos a mudança, nós precisamos chacoalhar nossas tradições de significação do mundo e sair em busca de novas formas de gerar significado.
6. reflexão sobre o nosso mundo tomado por certo é vital para o nosso bem-estar futuro. Identificar uma tradição é o primeiro passo para questionar essa tradição e construir novas formas de vida.

Shotter (1993) traz um questionamento do tipo de saber, do conhecimento que nos propomos a construir. Não é um saber teórico ou “saber o que é”, também não é um “saber como” relacionado a uma habilidade, visto que é singular a cada situação. Shotter (1993) apresenta um terceiro tipo de saber, um conhecimento que se tem quando se está dentro da situação, o que chama de “saber desde” (p. 37-38). Este “saber desde” demanda uma investigação ativa, uma imersão no processo do outro, para a participação nos processos de

construção de si e do mundo do outro a partir de uma relação dialógica. Para alcançar este conhecimento não há espaço para a neutralidade do observador, apenas para o conhecimento relacionalmente situado.

Este conhecimento é construído na relação através da linguagem no diálogo. Logo, nos interessamos pelas palavras em seus enunciados, pelos fatores práticos de seu uso, como meios para a realização de processos comunicativos cotidianos, sua função modeladora e os processos em que acontecem. Desta forma, nestes processos, construímos não somente um significado para nossa identidade, mas também para nossos mundos sociais.

Ao falar de identidade, gostaríamos de apresentar a nossa compreensão de *self*, como *self* narrativo (Gergen, 1994), e o conceito de personagens internos, como construído por Telma Lenzi (2013). Existe uma importante transformação na proposta construcionista social para compreensão do *self*. Anteriormente vivíamos um entendimento de *self* como intrapsíquico, essencial e absoluto às pessoas, impassível à mudança, este deveria ser descoberto através de profunda investigação da história pessoal, associado à infância da pessoa, quando ela teria construído e estruturado seu *self*. Com a mudança de interesse, do intrapsíquico para a interação social, um novo conceito de *self* é desenvolvido, a partir da função constitucional e performática da linguagem, na construção de mundo e realidade. O *self* passa a ser entendido como um discurso, aberto a transformações, mas estruturado por sua coerência e senso de realidade, pois é produto de relações situadas que aceitam ou rejeitam possíveis descrições de identidade da pessoa, sustentando formas de vida em uma relação de coautoria, que respeita convenções

sociais, crenças e tradições locais, produtos de um contexto social, mantidos pelas pessoas, construindo realidades e sustentadas por meio da interação social, confirmando as crenças e tradições que se originam socialmente (Gergen, 1994; Fruggeri, 1998; Guanaes & Japur, 2003; Lenzi, 2013).

Os autores também discutem como esta relação de produção do *self* e sustentação da identidade pode acontecer com as pessoas com quem nos engajamos nos encontros dialógicos, como pode acontecer com os outros internos, ou os personagens internos, vozes imaginárias com quem conversamos sobre as possibilidades de ser no mundo (McNamee & Gergen, 1999; Guanaes & Japur, 2003; Lenzi, 2013).

Em suas discussões sobre os personagens internos, Lenzi (2013) fala da nossa capacidade de invocarmos *selves* diferentes, dependentes dos relacionamentos que sustentamos. Nestes relacionamentos nos colocamos de determinada maneira, com determinado personagem interno. Essas relações justificam e mantêm determinadas formas de ser no mundo.

No trabalho com os personagens internos, ficamos atentos ao discurso do cliente, e quando, na sua linguagem, aparecem vozes múltiplas, conflitantes ou apoiadoras, inflexíveis (como o General), ou potentes (como o Herói), elas são reflexos da nossa performance nas conversas externas e internas em que nos engajamos, invocados linguisticamente no encontro relacional. A partir disso podemos conhecer as maneiras como o cliente age em sua paisagem interna, a partir das relações em que ele se engaja. A partir da exploração dos diferentes recursos dialógicos do cliente, construímos representações de seus personagens internos. Conversamos com os personagens internos que aparecem em eventos únicos na

narrativa do cliente, visando ampliar as possibilidades de recursos frente a dificuldades e fortalecimento da autoria, promovendo conversações internas transformadoras na ação conjunta dos personagens internos do cliente. O convite que a autora faz é de conhecermos os personagens internos de nossos clientes, imaginá-los e nomeá-los a partir das singularidades apresentadas no discurso do cliente, entender suas agendas e utilidades para, com eles, fortalecer a responsabilidade relacional para a escolha de como nos colocamos nas relações, que resultados obtemos com esse personagem e de que forma, com qual personagem, queremos nos colocar nestas relações (Lenzi, 2013).

McNamee e Gergen (1999) contribuem com esse movimento ao tratar da transformação da tradição de relação com o outro absoluto, para um fluxo no diálogo de relação com os muitos dentro de nós. A partir desse entendimento podemos conversar com as vozes marginalizadas no outro, suas múltiplas identidades, no objetivo de conhecer quem está falando aquele discurso; quem discorda; quem apoia; que vozes são caladas; quais delas sofrem; o que justifica uma voz dominante; e como facilitar outras a participarem do diálogo.

Queremos engajar nosso cliente em processos comunais, por isso nos interessamos nas relações conjuntas em que o cliente se engaja, para entendermos quem é ele em uma ou outra relação, novamente no processo de focar no coletivo, não no individual. Similarmente, buscamos identificar um recurso ou problema do cliente como uma manifestação grupal, advinda de um processo de identidade e repetição de uma tradição que pode estar desatualizada, ou merece reconhecimento, isentando o cliente de uma paralização em frente à culpa individual, para

o engajamento em uma transformação de tradições coletivas manifestadas em seu cotidiano. E, finalmente, buscamos a contribuição de cada personagem para um resultado, em um processo multivocal de construção da realidade, em que podemos olhar para os acontecimentos da vida como construções sociais, em que somos relacionalmente responsáveis, junto aos outros que participam destas construções (McNamee & Gergen, 1999; Lenzi, 2013).

Tendo o *self* como construído nas interações sociais, temos na rede social das pessoas um local de inestimável potencial de transformação. Desta forma buscamos entender como são construídos os significados em relações situadas das pessoas, que possibilidades existem nos diálogos privados (pensamento) e públicos (em voz alta), assim como os vários personagens que se engajam nestes encontros cotidianos. Por este interesse nos relacionamentos entre as pessoas, poderemos entender como constroem a si e a seus mundos. Pelo engajamento nesses relacionamentos, podemos construir novas formas de vida e experimentar transformações nos significados explorados no diálogo. A partir desta produção comunal, facilitamos mudanças para outros encontros. Os vários contextos de nossas vidas são interconectados, um influenciando o próximo (McNamee & Gergen, 1999; Raser & Japur, 2001).

Acreditamos na mudança de entendimento dos seres humanos como indivíduos, e da individualização, para um movimento de responsabilidade relacional da construção das nossas vidas. Buscamos sair das tradições que culpabilizam o indivíduo, que buscam o único responsável de forma a modificá-lo para melhor adequação no contexto. O que oferecemos são formas de entendimento, que envolvem a todos os parti-

cipantes de um contexto, unificando o coletivo, interessados no processo grupal. Nesta perspectiva, a transformação das pessoas e seu relacionamento acontecem no processo conversacional engajado na complexidade das relações (McNamee & Gergen, 1999).

Mesmo no encontro individual com o cliente, estamos atentos aos outros personagens de sua narrativa. Nunca somos um, sozinho e absoluto, como apresentado, a compreensão de *self* relacional e personagens internos busca o conhecimento de quem são os outros internos que participam das histórias narradas. O foco na relação se dá quando compreendemos o nosso funcionamento como coletivo, não como individual. Os autores lembram pensadores como Cooley, Mead e Vygotsky, que já falavam da nossa constituição como sujeitos a partir da imitação social, da interpretação de papéis e do pensamento individual como reflexo dos processos sociais, respectivamente (McNamee & Gergen, 1999; Lenzi, 2013).

Neste processo de busca e responsabilização dos vários participantes na construção de novas realidades mais úteis às suas vidas, pensamos os problemas narrados em uma esfera socialmente compartilhada. Em seguida, nos engajamos em entender a contribuição de cada envolvido em sua manutenção e os recursos possíveis para sua transformação (McNamee & Gergen, 1999; Guanaes & Japur, 2005).

Com esse conhecimento discutido, precisamos trazer três dos principais conceitos para a terapia que propomos.

CONHECIMENTO

Anteriormente era entendido como representacional e dualístico, construído a partir do contato de uma mente individual com uma realidade inde-

pendente, ele era verdadeiro ou falso. No momento pós-moderno, conhecimento é entendido como relacional, gerado através de interações humanas linguísticas, em constante evolução e com determinada utilidade. Ele é interdependente do contexto social e histórico onde é construído. Aberto, pois sempre que invocamos linguisticamente um conhecimento, nós o exploramos e enriquecemos, por isso evolutivo, fluído. E vigora através do tempo pela coerência e utilidade que tem em sua comunidade produtora (Anderson, 2009).

LINGUAGEM

Entendida como ação social, como veículo de construção do mundo. Não descreve com neutralidade a realidade objetiva, mas a produz a partir da descrição de experiências, é uma performance generativa (McNamee, 2014). Está vinculada afetivamente a tradições para significação. Através da linguagem podemos conhecer essas tradições para a construção do real, explorá-las e transformá-las no diálogo (Gergen, 2009).

DIÁLOGO

É um estado a se alcançar, podemos ser mais ou menos dialógicos em diferentes circunstâncias. Um processo interativo de busca pelo entendimento entre interlocutores. Através da exploração do conteúdo relatado e ouvido, construímos novos significados. Portanto, diálogo é um processo ativo de escuta, interpretação, exploração do interpretado e entendimento. O resultado é a mútua ampliação do conhecimento e enriquecimento dos significados vividos, que, por sua

vez, promovem o auto agenciamento e bem estar do cliente (Anderson & Gehart, 2007; Anderson, 2009).

A POSTURA DO TERAPEUTA NO ENCONTRO COM O CLIENTE

A partir do apanhado teórico citado anteriormente e da constante avaliação dos processos com nossos clientes, desenvolvemos nossa postura para a prática, que entendemos como terapia pós-moderna. O encontro terapêutico é sempre único, singular. A cada novo encontro, conversávamos privadamente com nossos personagens internos e publicamente entre nós e com os clientes, construindo juntos os caminhos para alcançarmos novos entendimentos e criatividade para a experiência cotidiana. Este diálogo, em si, se caracterizava como transformador, quando convidava aos envolvidos a uma relação de simetria e colaboração. Terapeutas não precisavam ser os detentores do conhecimento do que “fazer” com o cliente. Clientes não precisavam desempenhar de uma determinada forma para serem entendidos como engajados. Juntos, descobrimos como melhor aproveitar aquele espaço de troca e construção do novo.

Sentimos como importante falarmos da intencionalidade em diálogos, Fruggeri (1998), em seus estudos e práticas construcionistas, dá voz a este conceito quando promove a crença de que ninguém pode fazer nada com ninguém, quando estamos falando da construção de significados. Por fazer, entendemos a intervenção com finalidade intencional. Não podemos controlar uma mudança, ou como o nosso discurso vai chegar aos ouvidos do outro, logo a nossa intencionalidade deve ser sempre colocada em palavras e explorada na linguagem. O objetivo

torna-se a construção de uma possibilidade, não mais uma intervenção unilateral. A complexidade humana e suas singularidades tornam todos os processos de construção incertos, não há previsibilidade de resultado quanto a uma fala, intervenção, ou ação sobre o outro, pois não temos acesso às construções históricas e culturais do outro, nem mesmo por seu relato, quando ele já está construindo aquele novo relato a partir da relação com o ouvinte. A crença do construcionismo é a construção de possibilidades e significados mais úteis às pessoas através da negociação linguística desses significados.

Portanto nossa escolha é por não focar a atenção do terapeuta na construção de uma sugestão, ou intervenção. Acreditamos que esta intenção pode distrair o terapeuta dos detalhes e singularidade do relato do cliente, o transportando para experiências anteriores semelhantes em que sua atuação foi exitosa. Desta forma deixando a singularidade da pessoa a quem escuta para as semelhanças com outras histórias, que não pertencem ao presente.

Nosso movimento é de estar com o cliente no processo de entendimento de sua história, pela busca do entendimento o terapeuta precisa fazer perguntas, estas perguntas exploram o relato do cliente, possibilitando a ele próprio o acesso a novos dados e formas de contar sua história. A ampliação do conhecimento de si é transformadora e fortalece a pessoa para a experiência cotidiana de sua vida.

DAS EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

A partir do estudo desta postura filosófica, construcionista social e colaborativa, para a terapia, fomos ao encontro de nossos clientes. Harlene já nos dizia que a prática só pode ser compreendi-

da se exercida (Anderson, 2009). Não propomos uma reprodução da terapia colaborativa, mas construímos algo novo, feito sob medida em um investimento conjunto com nossos clientes, que só faz sentido se contextualizado na relação que vivemos. Neste processo de construção conjunta de uma postura para o encontro com o outro, frequentemente conversamos com a postura filosófica colaborativa de Harlene Anderson (Anderson & Gehart, 2007; Anderson, 2009; Anderson & Goolishian, 1998).

Para melhor explicá-la trazemos alguns pontos norteadores como proposto pela autora e outros contribuintes a esta prática, relacionados à experiência com nossos clientes.

RECONHECEMOS O CONHECIMENTO DO TERAPEUTA E O CONHECIMENTO DO CLIENTE

Aqui fazemos referência à especialidade do cliente em sua história e posição de tutor do terapeuta. Como aprendiz, estamos atentos e interessados ao método do cliente, à forma como ele julga melhor para compartilhar seu conhecimento. A especialidade do terapeuta está em facilitar um ambiente que promova um relacionamento que faça a diferença na vida do cliente, como anfitrião do cliente na terapia e gentil convidado em sua história. A partir da construção deste espaço, e exploração do conhecimento, clientes podem pensar em novas formas de ação para alcançar futuros desejados.

Fazemos isto através da promoção de um ambiente confortável, um local em que o cliente está bem posicionado, com um acolhimento gentil, que transmita nossa intenção de ouvi-lo e de acompanhá-lo em sua busca por melhora de alguma circunstância.

Conhecer o cliente para além de seu problema é essencial para esta relação, portanto estamos interessados nos diversos contextos de sua vida e, sem dúvida, abertos para ouvir sobre aquilo que ele julga mais importante para ser ouvido primeiro.

Interessados em conhecer a pessoa para além do problema que ela experimentava, construímos duas perguntas por onde começar nossa conversa, que a cliente poderia escolher por onde começar: quem era a pessoa que estava conosco; e por que motivo ela nos procurava. Nossa expectativa é que a cliente pudesse decidir se ela precisava começar falando do problema, pois ele estava grande demais para ser contido por mais tempo, ou se ela preferia complexar seu relato, saindo da narrativa saturada de dificuldade e sem esperança de dissolução, para uma apresentação macro de si, sua história, seu contexto e as pessoas que participaram destes. Na experiência com uma cliente, em seu primeiro encontro, ela optou por nos contar quem era, para que a conhecêssemos melhor antes de ela dividir suas preocupações e ansiedades. Entender o cliente para além de seu problema nos permitiu acessar suas potencialidades e recursos para ampliação da criatividade na lida cotidiana com a dificuldade.

ACREDITAMOS NA METÁFORA DO CONVIDADO/ANFITRIÃO

Como construído por Anderson (1997; Anderson & Gehart 2007), nos preocupamos em sermos bons anfitriões de nossos clientes em nosso espaço de trabalho. Para isso, preparamos o ambiente de forma a melhor facilitar a confiança e bem-estar da pessoa na experiência da terapia. Queremos que ela se sinta a vontade para trazer sua

história, sem medo de julgamentos ou represálias. Ao mesmo tempo, nos sentimos convidados de sua história e conhecimento de suas experiências de vida, como tais, nos comportamos de forma a não sermos invasivos ou “folgados” no lar do cliente, não levantamos o tapete para ver a sujeira, ou vamos direto para o porão procurar bagunças, muito menos nos jogamos na cama do casal para entender sua intimidade. Somos recebidos onde o cliente julga mais apropriado e, à medida que construímos confiança e intimidade mútuas, podemos conversar em outros cômodos e entender melhor o funcionamento daquele lar.

Uma de nossas clientes, chegando ao fim de seu processo, nos elogiou por estarmos com as plantas da clínica saudáveis e admitiu que, quando, começou o processo, percebeu as plantas murchas e se perguntou se os profissionais daquele serviço poderiam ajudá-la se os mesmos não cuidavam de suas plantas. Esta foi uma importante mensagem para estarmos atentos quanto ao ambiente onde recebemos nossos clientes. Precisamos nos comunicar por linguagens diferentes que transmitam o significado de que aquele lugar é um lugar de confiança e desenvolvimento, seja por plantas saudáveis, uma sala organizada e apresentável, um terapeuta simpático e convidativo.

ADOTAMOS A POSTURA DE NÃO SABER

Adotar a postura de não saber significa abdicar de um lugar de saber generalizado, é conhecer desde o conhecimento do cliente, não de um saber prévio. Nosso interesse está justamente na diferença, na singularidade de cada história. O mais profundo co-

nhcimento de um sistema vem, como Shotter (1993) complementar, desde este sistema, por aqueles que o vivem. Oferecemos nosso conhecimento na intenção de promover conversações, respeitosa e tentativamente, sem intenção intervencionista, não queremos invalidar o discurso do cliente.

Acreditamos que qualquer sugestão que ofereçamos carrega consigo o risco de uma crítica à forma do outro fazer no mundo. Procuramos sugerir apenas quando pedido, objetivamente, pelo cliente e, sempre, como forma de alimentar a criatividade, não de receber o que a pessoa precisa fazer para obter sucesso. O novo, a ideia, surge no diálogo, através de novas compreensões da história vivida, fruto da relação com a curiosidade e exploração entre cliente e terapeuta.

Buscamos nos surpreender com aquilo que há de único no relato do cliente. Estes conteúdos são os grandes caminhos para alimentar a esperança e a criatividade para clientes e terapeutas. Uma de nossas clientes, uma jovem na casa dos 20 anos, que buscava se recuperar de sua depressão, nos ajudou a entendê-la como única em duas situações em especial: a primeira quando ela relatou ter sido internada em um hospital psiquiátrico e, para a surpresa dos terapeutas, como esta experiência a havia feito bem, nos explicando que a rotina, somada ao ambiente seguro, a função que lhe foi oferecida de assistente no agendamento das consultas e a utilidade que ela sentia nesta comunidade facilitou um registro de experiência transformadora. Desta forma, nos informou de uma experiência de superação a partir de recursos como: rotina, ambiente seguro, necessidades básicas supridas e participação no funcionamento cotidiano daquele contexto. Estas informações foram cruciais para seu atendimento, advindas do conhecimen-

to da cliente. É importante ressaltar que a maioria dos membros da equipe compartilhava do significado de que intervenções psiquiátricas eram traumáticas, mas em sua postura de não saber, puderam ampliar sua percepção da cliente.

Em outra oportunidade, ela nos surpreendeu com sua percepção de si, como uma pessoa melancólica, com um sentido de que a fazia mais sensível e emocional, permitindo uma apreciação intensa de sua vida. Ficamos muito curiosos e interessados por este significado e, ao perguntarmos mais sobre ele, pudemos entender como a cliente se sentia esta pessoa sensível, sentimental, graças a esta característica, sendo a melancolia parte de sua singularidade, que ela apreciava em si. Também pudemos entender no diálogo que esta singularidade, quando exacerbada, se tornava depressão, restringindo-a de um olhar mais alegre ao mundo, oprimindo-a em um estado constante de desesperança e desânimo. Concordamos que o nosso trabalho em equipe visava o equilíbrio de sua melancolia com o olhar sensível de esperança para a vida. Este foi um ponto marcante no atendimento, nos permitindo conhecer melhor a cliente, saber de seu ideal emocional como este estado melancólico, não depressivo. Pudemos nos adequar às suas expectativas, enquanto construíamos as nossas quanto aos objetivos da cliente.

SOMOS PÚBLICOS

Compartilhamos nossos processos de pensamentos e reflexões, o cliente precisa acompanhar a construção do nosso entendimento.

Não guardamos para nós nossas interpretações daquilo que foi dito, pelo contrário, estamos sempre verificando se nossas interpretações condizem

com a expectativa do cliente e, em caso de desencontro, nos engajamos nas diferentes linguagens que possibilitam uma ou outra forma de compreender o relato.

Em todas as nossas participações, foi crucial que nos colocássemos honestamente, que déssemos voz aos pensamentos que nos ocorriam privadamente. Precisamos que o cliente acompanhe nossas reflexões, tanto na conversação com o terapeuta, quanto na reflexão em equipe. Para isso, ao compartilhar pensamentos, contextualizamos o processo de construção deste discurso e o oferecemos como uma, dentre muitas, possibilidade de entendimento. Estas percepções diferentes de cada participante do sistema terapêutico oferecem formas de entender que podem reforçar vozes marginalizadas, ou oprimidas, no discurso do cliente.

Uma de nossas clientes conta de sua infância com a mãe prostituta, quando viveu uma situação de abuso, e mais velha, com um namorado com quem morava, quando viveu o segundo abuso. Ela conta de sua determinação de seguir com os estudos e de oportunidades que encontrou por se afastar da opção de se prostituir. Finalmente, conta ter se graduado no ensino superior. A equipe, muito impressionada, comenta do sentimento de superação que tocou a todos, ficamos entusiasmados e admirados pela história relatada. A cliente afirma que nunca havia se percebido como fora descrita e pudemos perceber como seu posicionamento ganhou mais firmeza e esperança nas sessões seguintes. Ela sempre nos comunicou muita segurança em seu processo.

Ser público também exige que sejamos transparentes com o efeito que o cliente faz em nós. Colocamos estas emoções na conversa, queremos que o outro entenda a forma como ele acontece para o terapeuta e, possível-

mente, para outras pessoas de sua vida. Como em um atendimento com uma cliente que vivia uma difícil situação financeira e dificuldade na criação da filha (muitas vezes, pelo estresse, ela descontava sua frustração em forma de agressão para a menina). Logo nos colocamos interessados pela relação com a filha e pela dificuldade financeira. Ao se engajar na conversa sobre a magnitude do estresse com sua renda, a cliente emociona sua terapeuta, que expressa sua emoção publicamente. Na sessão seguinte, a cliente relata que, ao se deparar com a emoção da terapeuta, ela percebeu diferentemente a forma como ela contava sua história e pôde escolher transformá-la, pois não queria que as pessoas sentissem a emoção que ela viu na terapeuta, se comprometendo com a transformação da narrativa e experiência de sua história.

Queremos que o relacionamento que construímos com nossos clientes seja íntimo, a ponto de que nossas respostas possam oferecer dados para estes clientes refletirem e transformarem a forma como experimentam a vida. Este foi um exemplo em que a emoção, expressa de forma empática, ofereceu recursos de fortalecimento à cliente.

TRABALHAMOS COM EQUIPE REFLEXIVA

Os atendimentos também contaram com a participação de uma equipe reflexiva. Estruturada de acordo com o modelo colocado por Tom Andersen. Este é composto por um sistema entrevistador – o terapeuta –, o cliente e a equipe reflexiva. Como proposto por Andersen (2002), esta consiste em uma equipe que irá escutar silenciosamente a conversa entre o entrevistador e o cliente. O terapeuta é visto como autônomo, que acompanha a conversa e a

maneira como a sessão se desenrola. Em um determinado momento da sessão, a equipe é convidada a compartilhar suas reflexões. Seus membros passam a se questionar em como explicar ou descrever a situação ou o assunto, indo além do que foi apresentado pelo cliente, apresentando ideias, curiosidades e questionamentos a respeito de tudo o que foi colocado pelo cliente, estando o terapeuta e cliente na posição de escuta. Para Andersen, o fato de observar uma conversa proporciona a troca de ideias do que foi dito, pensado e escutado, motivando novas perguntas para a situação relatada. Essa troca traz ideias fora do comum que, por sua vez, possibilitam ao cliente a reflexão para a mudança, dando espaço para uma nova forma de sentir, conhecer e agir.

Ainda na equipe reflexiva, fazemos uso do recurso apresentado por Anderson (2009) de escutar e falar “como se” fôssemos uma personagem do discurso do cliente. Esse recurso tem como característica a escuta reflexiva, como proposta anteriormente, com o diferencial que o ouvinte escuta a partir de uma posição imaginária do lugar de um envolvido na narrativa do cliente, podendo ser um pai, um filho, a escola, etc. Prestamos atenção à história que o cliente conta, de forma colaborativa, nos engajando em um processo de escuta reflexiva e postura curiosa quanto ao relato a ser ouvido. Em seguida, a equipe compartilha suas reflexões ‘como se’ fossem essas personagens, em primeira pessoa, falando para ninguém especificamente.

Tomamos o cuidado para não nos engajarmos em conversas sobre o conteúdo da história, evitando a posição de *expert* e sem colocar sugestões ou caminhos possíveis para o cliente ou terapeuta. O objetivo aqui é ampliar e enriquecer formas de entendimento e relacionamento com a narrativa apre-

sentada. Nosso foco está no processo e aprendizagens.

A premissa chave do exercício de ouvir e falar “como se”, está na possibilidade de se engajar em conversações internas e externas que contribuam com o diálogo a partir de alguns pontos: 1- o cliente pode contar sua história com qualidade e sem interrupções; 2- a equipe pode ouvir com qualidade e ter tempo de formular suas reflexões; 3- há espaço para a multiplicidade de vozes; 4- todos escutam cada resposta com qualidade, uma de cada vez; 5- o cliente pode escolher as vozes que lhe despertam a curiosidade, que gostaria de pensar, ou conversar, mais.

Em um de nossos atendimentos, durante a reflexão da equipe, uma das integrantes pediu licença para compartilhar um pensamento ‘como se’ fosse o marido da cliente. Ela prossegue com percepções suas sobre como o marido ouviria e responderia ao relato narrado, uma possibilidade entre infinitas, e é encorajada pelo restante da equipe a explorar mais e falar mais de sua percepção (como se fosse o marido). Na sessão seguinte, a cliente relata como aquela escuta transformou a forma como ela via e entendia seu marido, agora ela tinha duas possibilidades de entendê-lo e optou pela possibilidade construída em sessão, dada a coerência com seu cotidiano e o potencial libertador de uma relação de dominância.

Este foi um caso em que o exercício de compartilhar uma percepção como se fosse uma personagem da história do cliente possibilitou uma transformação nas formas de relação possíveis aos envolvidos, oferecendo um novo horizonte de possibilidades de ação.

Em um atendimento familiar com mãe e filho, este com oito anos e aquela na casa dos 30, percebemos como o menino convivia com uma identidade de “impossível” no contexto escolar,

ele havia sido encaminhado para atendimento pela escola referente ao seu comportamento em sala de aula, com colegas e professores, em que ele se colocava agressivo. Engajamo-nos em conversas sobre como melhor utilizar espaço de terapia e a equipe reflexiva. Queríamos nos certificar de que ambos aproveitassem a conversação e entendessem as reflexões da equipe. Depois de algumas tentativas com jogos e conversas, a terapeuta ofereceu a possibilidade de a equipe dramatizar uma cena, escolhida pela família. Nessa cena, as reflexões seriam compartilhadas por cada terapeuta como se fosse a personagem, ou seja, em primeira pessoa.

As cenas e roteiros foram planejados, principalmente, pelo menino, que dirigia a situação: quem estava presente, o que estava acontecendo, quais as repercussões das ações. A equipe se posicionava nas devidas personagens e compartilhavam percepções e reflexões daquela pessoa e se relacionavam com as outras personagens, desenvolvendo a cena para um resultado que oferecia mais bem-estar que a situação anteriormente narrada pela família. O menino, em seguida, preparava um desfecho para a cena construída colaborativamente.

Por esta experiência, recebemos algumas avaliações da família que confirmaram o sucesso da proposta.

O menino afirma que gostou do teatro por que os atores faziam o que ele pedia. Aqui entendemos que ser o diretor da cena foi importante para o cliente, que foi tratado como o especialista em sua história, tendo total liberdade, e diversos convites ao longo da encenação, para tornar a cena o mais coerente o possível.

A mãe afirma que pôde conhecer mais o filho e se tranquilizar quanto à versão que a escola trazia dele. Aqui pudemos observar a ampliação do conhecimento da mãe sobre seu filho. Ela

sentiu-se mais capaz de oferecer o que ele precisava após ter explicitado, nas cenas, seu desejo de tempo de qualidade com a mãe e mudanças na escola. Ela pode conhecer outras versões de seu filho, e formas de invocá-las na relação. Confessou-nos que passou a entender que o filho melhorava seus comportamentos à medida que ela atendia sua necessidade de tempo com a mãe.

Desta forma, pudemos experimentar na dramatização de cenas com equipe reflexiva em posições de “como se”: a. uma oportunidade de tornar as percepções dos relatos mais complexas, oferecendo outras possibilidades de entendimento e ação; b. fortalecimento da família em relação ao seu conhecimento da história na direção da cena, quando são respeitados em suas percepções e estimulados a explorar a cena de forma que só eles poderiam afirmar que ações e repercussões ocorrem naquelas relações, promovendo a segurança de que eles estavam fazendo o seu melhor e, a partir de novas percepções, eles poderiam ampliar os repertórios de ações.

O trabalho com equipe reflexiva proporcionou aos terapeutas uma experiência de libertação do compromisso de “fazer para” para uma oportunidade de “estar com” os clientes em suas histórias, de forma que não nos sentimos ansiosos em oferecer uma sugestão ou intervenção pela confiança de que, ao longo do diálogo com os clientes e da escuta da equipe, novas ideias e possibilidades surgiriam para satisfazer a expectativa do cliente por um espaço transformador.

CONVERSAMOS COM PERSONAGENS INTERNOS

Estamos sempre atentos a outras vozes que participam da sustentação de

significados e da realidade de nossos clientes. São personagens que facilitam ou dificultam o cotidiano baseados em verdades tradicionais, coerentes em algum momento, mas que podem ser exploradas e atualizadas no diálogo.

Percebemos as formas pelas quais nossos clientes relaram suas histórias e percebemos quando aparecem desencontros de narrativas, incongruências e singularidades. Nesses momentos, nos engajamos em conversas sobre a voz que está presente naquela narrativa e perguntamos sobre esta voz. Queremos conhecer estas diferentes personagens e suas funções na vida do cliente. Este, quando se identifica e engaja na conversação, explora também seu conhecimento de si, as diferentes formas e tradições de entendimento do mundo e das relações e pode convidar estas vozes para o diálogo privado (feito mentalmente) para a construção de suas escolhas.

Houve uma cliente que, nas conversas em terapia, explorou junto à equipe vozes internas que discordavam com relação ao seu desempenho como mãe e profissional. Vozes que a julgavam, tolhendo-a da criatividade para lidar com dificuldades cotidianas, oprimindo-a em uma situação de ter que trabalhar cada vez mais para levantar a renda e sustentar a filha. Ao nos engajarmos com esta voz opressora, convidamos outras vozes que poderiam estar marginalizadas, através de provocações manifestadas por nossa percepção da cliente como uma pessoa ferida e cansada demais para trabalhar mais, como uma menina abandonada, sem ninguém para pedir socorro, como um pássaro com a asa quebrada, desesperado para alçar voo, mas precisando passar pela recuperação para isto. Estes convites puderam facilitar que a cliente percebesse pessoas à sua volta, para quem ela começou a pedir

ajuda. Facilitou também uma percepção de si como precisando de mais carinho, incentivando-a a buscar outros espaços de cura e desenvolvimento, além da terapia. Isso a fez olhar para sua filha e se engajar em tempos de qualidade para aproveitar a relação com ela. Estes experimentos da cliente foram espontâneos dela, frutos de seu engajamento cotidiano com seu processo. Finalmente, ela nos relata ter desenvolvido um recurso para facilitar seus diálogos internos: ela dispôs cadeiras em círculo e elegeu um tema para enriquecer seu conhecimento na conversa com seus personagens internos, convidando múltiplas possibilidades para a percepção do fenômeno e engajando em cada forma de entendimento, relatando a satisfação com o experimento e inspirando sua equipe de terapeutas para o processo de complexar as histórias em prol de ampliar o conhecimento e as possibilidades de resposta aos desafios cotidianos.

CONVIDAMOS OUTRAS VOZES PARA PARTICIPAR DAS CONSTRUÇÕES

Da mesma forma como estamos atentos às vozes internas das pessoas, estamos curiosos quanto às vozes externas que participam das construções da vida do cliente. Estas são pessoas de relevância significativa, como professores, companheiros, chefes, colegas, amigos, familiares, autores e personagens. Estas vozes conversam com os clientes e os transformam em seus bate-papos, leituras, reuniões, discussões, aulas etc. Precisamos conhecê-las e saber como elas responderiam às questões conversadas em terapia, para saber como o cliente vai experimentar a si nestas relações.

Em um dos atendimentos, nos deparávamos com um cliente bastante objetivo, curto em suas respostas. Em

busca de complexar a conversação e de levantar novas informações e entendimentos acerca de suas situações vivenciadas, nos remetíamos à esposa do cliente, em como ela responderia se estivesse presente, como ele se colocaria com a presença dela, que ideias ela poderia trazer ao diálogo. A esposa nunca esteve presente fisicamente aos atendimentos, mas pudemos invocar sua voz a partir do registro do cliente. Esta foi uma forma de promover o engajamento do cliente na conversação, de aproximar o contexto da terapia à sua vida cotidiana e de ampliar os pontos de vista para um mesmo fenômeno, conseqüentemente, ampliando as formas de se relacionar com este. Neste mesmo atendimento, uma importante voz que pudemos conhecer foi a de um narrador de trechos bíblicos, ao qual o cliente ouvia frequentemente e pôde compartilhar conosco sua passagem preferida, nos oferecendo amplo terreno para exploração de significados e diálogo. Esta era uma voz de referência em seu cotidiano, que ele ouvia atentamente e lhe oferecia recursos para a lida com adversidades. Ao conhecê-la, os terapeutas puderam entender melhor a realidade vivida pelo cliente, visando oferecer suas percepções e curiosidades de forma a estarem mais próximos da linguagem local.

Novamente nos remetemos ao caso do menino de oito anos, encaminhado por queixa escolar. Ao longo do processo, e com o intuito de convidar a voz da escola para participar do processo da família, redigimos uma carta em que compartilhávamos nossas experiências com o menino, falando daquilo que apreciávamos como transformação ao longo das sessões e perguntando como a escola o estava percebendo naquele momento, que ações tinham que podiam contribuir com nosso objetivo em comum. Ao final,

convidávamos a escola a participar do atendimento com sugestões para nós, desta forma, nos comprometíamos enquanto comprometíamos a escola com ambos: o projeto terapêutico e o projeto educacional. Esta carta foi construída pela equipe junto à terapeuta entre sessões, em seguida, lida pela mãe e filho para avaliação, não gostaríamos que eles tivessem quaisquer constrangimentos com o que escrevíamos ou pensávamos do processo e a teríamos escrito em conjunto com ambos, se não tivéssemos um prazo curto de tempo para entrega do documento. Com a autorização de ambos, pedimos à mãe que entregasse a carta à responsável na escola. Este movimento tinha como objetivo principal incluir a escola no processo da família, para que eles também se sentissem participantes e protagonistas no processo de um de seus estudantes. Ao mesmo tempo, pretendemos oferecer a nossa narrativa apreciativa dos clientes, enquanto convidávamos aos destinatários uma avaliação de suas percepções e respostas quanto a quaisquer mudanças observadas que poderiam contribuir para a dissolução da identidade de “aluno impossível” e facilitar novas formas de relação. Não houve retorno da escola, mas a mãe pôde relatar que se sentia muito mais segura agora que estava acompanhada por nós e que, ela mesma, conseguia entender que seu filho não era o “bicho de sete cabeças” que a escola relatava e que se sentia mais capaz de lidar com esta queixa escolar, que, anteriormente, fazia-a sentir-se culpada e oprimida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, pretendemos apresentar o apanhado teórico para uma prática pós-moderna e sua vivência em pro-

cessos terapêuticos facilitados por estudantes de uma especialização clínica em terapia familiar pós-moderna. A partir destas experiências pudemos construir o nosso entendimento de uma postura filosófica para a prática terapêutica, uma forma de ser com os outros. Não apenas no contexto clínico, mas em nossos cotidianos e relacionamentos. Os valores socioconstrucionistas e colaborativos de respeito ao outro, sua história e conhecimento. O processo ativo de escuta e resposta que levou a novos recursos e conhecimentos acerca das circunstâncias em que viviam nossos clientes. A possibilidade de estar com o outro em um espaço flexível, construído enquanto ocorria, simétrico, em que todos os envolvidos participavam das decisões de como prosseguir. A oportunidade de reconhecer o único e inovador em histórias que poderiam ser facilmente categorizadas e diagnosticadas, de experimentar o novo e o criativo. E a realização, bem-estar, de sair transformado de um encontro, com esperança renovada, certos de que podemos dar conta de nossas vidas.

Fazemos nossas as palavras de Raseira e Japur (2001) de que talvez a mais importante crença que precisamos substituir é a de terapia como produção de mudança. Sugerimos que a crença para terapia seja abrir espaço para conversação, onde se faz necessário um diálogo em busca de novos entendimentos, sentidos e significados, que usam da curiosidade, da reflexividade, do tornar público os pensamentos com o outro, da introdução do diferente e da preposição de novas formas de descrição dos eventos. Entendemos como resultado nesta terapia a sensação de esperança e autonomia do cliente, assim como a percepção de transformação de todos os envolvidos no processo, clientes, terapeutas e pessoas próximas.

Ainda gostaríamos de estender um convite aos leitores, como fomos incentivados pelos nossos mestres e inspiradores, para que experimentem o diálogo, que se permitam encontrar o humano em si e nos outros, se transformem nas conversações nas quais se encontrarão em seus cotidianos e, talvez principalmente, compartilhem estas experiências através de publicações sobre realidades locais de práticas transformadoras.

REFERÊNCIAS

- Andersen, T.** (2002). *Processos reflexivos* (2. ed.). Rio de Janeiro: Noos.
- Anderson, H., & Goolishian, H.** (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. In: S. McNamee, & K. J. Gergen (Orgs.). *A Terapia como Construção Social* (pp. 34 -50). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anderson, H.** (2007). Creating a space for a generative community. In: H. Anderson, & P. Jensen (Eds.). *Innovations in the Reflecting Process* (pp. 33-45). London: Karnac Books.
- Anderson, H., & Gehart, D.** (Eds.) (2007). *Collaborative Therapy: Relationships And Conversations That Make a Difference*. London: Routledge.
- Anderson, H.** (2009). *Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia*. São Paulo: Roca.
- Feinsilver, D., Murphy, E., & Anderson, H.** (2007). Women at a turning point: a transformational feast. In: H. Anderson, & D. Gehart (Eds.). *Collaborative Therapy: Relationships And Conversations That Make a Difference*. London: Routledge.
- Frugeri, L.** (1998). O Processo Terapêutico como Construção Social da Mudança. In: S. McNamee, & K.

- J. Gergen (Orgs.). *A Terapia como Construção Social* (pp. 51 – 65). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gergen, K. J., & Davis, K. E.** (1985). *The Social Construction of the Person*. Springer-Verlag New York: New York Inc.
- Gergen, K. J.** (1994). *Realities and relationships: soundings in social. Construction*. Cambridge: Harvard university press.
- Gergen, K. J., & Gergen, M.** (2010). *Construccionismo social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Noos.
- Guanaes, C., & Japur, M.** (2003). Construcionismo Social e Metapsicologia: Um Diálogo sobre o Conceito de Self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 135-143.
- Guanaes, C., & Japur, M.** (2005). Sentidos de Doença Mental em um Grupo Terapêutico e suas Implicações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 227-235.
- Hoffmann, L. (2007). The art of “withness”: A New Bright Edge. In: H. Anderson, & D. Gehart (Eds.). *Collaborative Therapy: Relationships And Conversations That Make a Difference* (pp. 63-80). London: Routledge.
- Iñiguez, L.** (2005). Nuevos debates, nuevas ideas y nnuevas prácticas em la psicología social de la era “post-construccionista”. *Anthenea Digital*, 8.
- McNamee, S., & Gergen, K. J.** (1999). *Relational Responsibility. Resources for sustainable dialogue*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Mcnamee, S.** (2014). Construindo conhecimento/construindo investigação: coordenando mundos de pesquisa. In: C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. Corradi-Webster, & L. Vilela e Souza (Orgs.). *Construccionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 105-132). Rio de Janeiro: Noos.
- Lenzi, T., P.** (2013). Personagens internos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 47, 86-98.
- Rasera, E. F., & Japur, M.** (2001). Contribuições do pensamento construccionista para o estudo da prática grupal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 14(1), 201-209.
- Shotter, J.** (1993). *Conversational Realities. Constructing life through language*. London: Sage publications.